
O TWITTER NO GOVERNO TRUMP (2017-2021) A PARTIR DAS TIPOLOGIAS DE SOFT POWER DE JOSEPH NYE¹

THE TWITTER IN TRUMP'S GOVERNMENT (2017-2021) THROUGH JOSEPH NYE'S SOFT POWER TYPOLOGIES

DOI: 10.5380/cg.v%vi%i.86447

Carolina Pereira Madureira²

Lucas Lira de Menezes³

Raimundo Batista dos Santos Junior⁴

Raimundo Jucier Sousa de Assis⁵

Resumo

O artigo tem como objetivo analisar o “*Soft Power*” estadunidense por meio da utilização da plataforma digital Twitter enquanto ferramenta política no governo do ex-presidente Donald Trump. A pesquisa se divide em três partes, objetivando: conceituar o termo “*Soft Power*” no que tange às relações internacionais; explanar sobre a rede social Twitter como mecanismo político moderno, e analisar os *tweets* do ex-presidente norte-americano Donald Trump e sua caracterização a partir das tipologias de Joseph Nye. Dessa forma, a hipótese do trabalho é que as publicações provocativas do ex-presidente Trump no Twitter, ao longo do seu mandato enquanto chefe de Estado de uma das maiores potências mundiais, se insere nas tipologias de Nye ao influir na cultura das massas, macular valores políticos universais e expor contornos da política externa estadunidense, que, no entanto, passou a gozar de menor legitimidade e autoridade moral em outros Estados. Portanto, com o fito de atingir o objetivo almejado, o artigo aplicará uma metodologia qualitativa, utilizando de referencial teórico bibliográfico, fazendo uso de artigos científicos e de notícias de jornais e revistas digitais. Argumenta-se que a administração polêmica de Donald Trump na sua conta do Twitter (2017-2021) teve impactos no *Soft Power* dos Estados Unidos da América (EUA), causando crises diplomáticas e tensões internacionais.

Palavras-Chave: Donald Trump; Twitter; *Soft Power*; Joseph Nye.

¹ Este artigo está licenciado sob a [Licença Creative Commons Attribution \(CC BY 4.0\)](#), sendo permitido o compartilhamento com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.

² Professora substituta de Direito Internacional Público na Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestranda em Ciência Política na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: madureiracarolina@yahoo.com.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1869-9510>.

³ Professor substituto na Universidade Regional do Cariri (URCA). Mestrando em Ciência Política na Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: lucas_lira_menezes@hotmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3464-6171>.

⁴ Doutor em Ciência Política pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Docente do Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: rjunior@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6218-7769>.

⁵ Doutor em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo (USP). Docente do Mestrado em Ciência Política da Universidade Federal do Piauí (UFPI). E-mail: raimundojucier@ufpi.edu.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6573-7175>.

Abstract

The article aims to analyze the United States of America (USA) Soft Power through the use of the digital platform Twitter as a political tool in the administration of former President Donald Trump. The research is divided into three parts, aiming to: conceptualize the term “Soft Power” in terms of international relations; explain about the social network Twitter as a modern political mechanism and analyze the tweets of the former Yankee president Donald Trump and their characterization from the typologies of Joseph Nye. The working hypothesis is that the provocative publications of former President Trump on Twitter, through his term as head of state of one of the greatest world powers, are part of Nye's typologies by influencing mass culture, tarnishing universal political values and to exposing the contours of US foreign policy, which, however, became less legitimate for other states. Therefore, in order to achieve the desired objective, the article will apply a qualitative methodology, using a theoretical bibliographic reference, making use of scientific articles and news from newspapers and digital magazines. It is argued that the controversial administration of his Twitter account by Donald Trump (2017-2021) had impacts on the Soft Power of the United States of America (USA), causing diplomatic crises and international tensions.

Keywords: Donald Trump; Twitter; Soft Power; Joseph Nye.

1. INTRODUÇÃO

Partindo de um pressuposto explicado por Vedel (2009) a respeito da democracia eletrônica, esse artigo visa abordar o *Soft Power* dos Estados Unidos da América (EUA) por meio do uso da rede social “Twitter” pelo ex-presidente Donald Trump durante o seu único mandato (2017 – 2020). Na sua obra denominada “*The Idea of Electronic Democracy: Origins, Visions and Questions*”, Thierry Vedel (2009, p. 228) afirma que a ideia de realçar os processos democráticos por meio do uso da tecnologia aconteceu bem antes da aparição do fenômeno da Internet e divide esse desenvolvimento em três etapas: 1) a máquina de governar; 2) teledemocracia para melhorar os vínculos sociais; 3) Cyber-democracia como uma nova política.

Vedel (2009, p. 228) categorizou a primeira etapa como acontecida no período de 1950 a 1960, na época da Guerra Fria, quando a tecnologia era aplicada como uma poderosa ferramenta para acúmulo de dados nos sistemas como estratégia política. A segunda etapa (décadas de 1970 e 1980) foi responsável pelo surgimento das televisões a cabo e de sistemas locais e independentes, aumentando o fluxo de interatividade, modernizando a democracia representativa e melhorando as relações entre cidadãos e políticos eleitos.

Já a terceira e atual etapa, que vem ocorrendo desde 1990, representa a emergência do questionamento da ideia de “Estado-nação”, pois com o surgimento da Internet o fenômeno da globalização ficou mais intenso, transformando os cidadãos em agentes autônomos de uma esfera pública global e o espaço cibernético em uma ferramenta política.

Tendo como base a ideia da terceira etapa proposta por Vedel (2009, p. 228), da Internet como espaço político, atrelada aos conceitos de *Soft Power* e *Twittocracia*, esse artigo buscará responder a seguinte pergunta norteadora: em que medida os Tweets do ex-presidente estadunidense Donald Trump se inserem nas tipologias de *Soft Power* de Joseph Nye? Com o intuito de solucionar essa problemática e objetivando categorizar e pensar a política do Donald Trump a

partir de suas publicações no Twitter, o artigo possui, enquanto objetivo geral, a análise da utilização dessa rede social como ferramenta de *Soft Power* pelos EUA, especificamente no período do mandato do presidente (2017-2021).

Para tanto, o trabalho se divide em três tópicos específicos. Primeiramente, se debruça sobre o conceito de *Soft Power*, analisado por Joseph Nye (2002, p. 8), bem como os seus meios de aplicabilidade e suas diferenças em relação ao *Hard Power* e o conceito de Interdependência Complexa, ambos importantes para o desenvolvimento teórico de Nye. Nesse contexto, o desenvolvimento dos conceitos permite sedimentar as bases para os próximos tópicos, que se pautam no uso da rede social “Twitter” enquanto mecanismo político de chefes de governo e Estado.

O segundo tópico, denominado de Redes Sociais: Twittocracia, buscará explicar sobre o papel das mídias sociais, mais especificamente do Twitter, como ferramenta primordial nas democracias atuais, agilizando o acesso à informação e fomentando o debate sobre temas afetos às agendas de governo. Logo, sabendo que o *Soft Power* engloba aspectos sociais, ideológicos e culturais, e que o Twitter, fruto do período da implementação da Cyber-democracia, passou a ser uma ferramenta de espaço político extremamente utilizada pelas democracias do século 21, o terceiro e último tópico abordará o método de utilização dessa plataforma como ferramenta de *Soft Power* pelo governo de Donald Trump.

A análise do governo Trump, enquanto objeto de pesquisa, possui dupla motivação: primeiro, em razão da expressividade inclusive quantitativa da utilização da rede social pelo ex-presidente dos EUA, e ainda pela possibilidade de categorizar a política do Donald Trump e suas publicações no Twitter a partir das tipologias de Joseph Nye, que advoga que o poder estadunidense deve fomentar *Hard Power* e *Soft Power* de forma conglobada.

Em uma entrevista à *Deutsche Welle* em 2017, Nye afirmou que os *tweets*⁶ de Trump eram uma ameaça para o *Soft Power* dos EUA. Partindo dessa assertiva, o terceiro tópico busca reforçar a ideia anterior sobre como o Twitter pode ser usado como ferramenta de *Soft Power*, ao passo em que busca explicar e exemplificar sobre o porquê dessa afirmação do autor.

Meios para os fins colimados, a pesquisa se vale de metodologia qualitativa, fazendo uso de um arcabouço teórico e bibliográfico. Ademais, a atualidade se destaca no tema proposto, uma vez que os estudos da Cyber-democracia estão cada vez mais pujantes com o constante avanço da tecnologia e novas descobertas de manuseio da Internet para múltiplos fins, o que possibilitou inclusive a concepção do conceito de *Twittocracia*. Vale ressaltar ainda a importância do estudo do Twitter como ferramenta política nos dias atuais e o seu papel para a manutenção do *status quo*⁷ da atual superpotência global.

⁶ Nome utilizado para designar as publicações feitas na rede social Twitter.

⁷ A política do *status quo* visa manter a distribuição de poder existente em um determinado contexto histórico (MENEZES, 2020, p. 809).

No mais, o presente trabalho diferencia-se das outras pesquisas com essa temática, uma vez que busca explicar a origem dos termos “*Soft Power*” e “*Twittocracia*”, empregando-os com finalidade de argumentar sobre o contexto político estadunidense de ameaça a sua política externa na era Trump. Para tanto, o artigo vai utilizar além de notícias de revistas, jornais digitais e da rede social, as obras do cientista político e analista internacional Joseph Nye. Utiliza ainda a produção de pesquisadores que estudam o fenômeno da Internet no campo político e de relações internacionais, como Vedel, Almeida, Abelin, Baccarin e Ferreira.

2. CONTEXTUALIZANDO O *SOFT POWER*

Esse tópico abordará os contextos utilizados por Joseph Nye para explicar a atuação dos poderes dos Estados no cenário internacional. O foco, no entanto, é no *Soft Power*, mas para compreensão do termo, deve-se explanar sobre outros conceitos que o antecedem, ou que surgem em contraposição a este, de que são exemplos os termos Interdependência Complexa, *Hard Power* e *Smart Power*.

Isto posto, a teoria da Interdependência Complexa foi retratada por Joseph Nye e Robert Keohane em 2001, para elucidar como os Estados se relacionam de maneira interdependente no Sistema Internacional. Para explicar sobre essa interdependência, a teoria em questão foi dividida pelos autores em três pilares: 1) os múltiplos canais; 2) a agenda das relações interestatais; 3) a não utilização da força militar de um Estado em direção a outro (MARTINELLI, 2016, p. 67).

O primeiro pilar diz respeito à afirmação da conexão entre sociedades no que tange esses múltiplos canais, de que são exemplos os contatos formais dos estafes diplomáticos, laços informais entre as elites governamentais e não governamentais e organizações transnacionais como bancos e corporações multinacionais (NYE; KEOHANE, 2001, p. 20). Martinelli (2016, p. 67) reforça que esses meios são mostrados por meio de três atos: relações transnacionais, transgovernamentais e interestatais.

Já o segundo pilar afirma que não há uma agenda organizada de maneira hierárquica dentro do cenário internacional. Portanto, contrariando os estudos predominantemente realistas⁸ das Relações Internacionais, afirma-se que a questão da segurança militar não é, necessariamente, o tema dominante dessa “agenda”. Assim, essas pautas vão ser particulares de cada Estado, dependendo do seu grau de interesse sobre cada tema.

E, por último, o terceiro pilar vai afirmar que, quando há o fator da Interdependência Complexa não vai haver a utilização da força militar de uma nação em direção a outra, visto que há

⁸ Teorias das Relações Internacionais que atribuem o centro das discussões do cenário internacional ao Estado, o considerando o principal ator das relações internacionais e reivindicando um caráter pragmático, empírico e objetivo na análise internacional.

uma relação de interesse entre elas. Do exposto, a Interdependência Complexa perpassa o deslocamento do foco no relacionamento internacional do eixo militar para o econômico (NYE, 2009). Outro ponto basilar à compreensão do conceito é a percepção acerca do surgimento de novos atores transnacionais para além dos Estados e da inversão dos pressupostos realistas nas relações internacionais (NYE; KEOHANE; 2001, p. 20).

Assim, faz-se necessária a compreensão do fenômeno da Interdependência Complexa quando se estuda o *Soft Power*, uma vez que se pode interpretar que a elaboração do conceito desse poder – assim como o do *Hard Power* – foi uma continuação desse primeiro estudo, podendo ser utilizados para reforçar e, até mesmo, exemplificar os pilares supracitados.

No que concerne ao modelo estadunidense, que será objeto de análise nos próximos tópicos, ainda que o poder militar dos EUA tenha capacidade institucional e operacional para subjugar outros Estados, a Interdependência Complexa obsta que isso ocorra, haja vista que “o atual nível de interdependência entre os Estados anula essa visão militarista nas correlações dos atores, já que ela coloca a segurança militar em primeiro lugar na agenda” (MARTINELLI, 2016, p. 78).

Seguindo essa linha de raciocínio, Joseph Nye lançou, em 2002, o seu livro intitulado “*The Paradox of American Power: Why the World’s Only Superpower Can’t Go It Alone*”. Nessa obra, retrata as questões do *Hard Power* e do *Soft Power* como forma de compreender de que modo uma superpotência militar no contexto internacional se viu tão vulnerável a um ataque terrorista no seu próprio território. Focar apenas no *Hard Power*, para o autor, implica em desconsiderar os interesses e valores estadunidenses, sobretudo na era da informação.

A relação entre *Soft Power* e *Hard Power*, como as nomenclaturas podem adiantar, é de oposição. O *Hard Power*, por exemplo, pode ser entendido como um tipo de poder mais perceptível e mais direto, em razão de suas ações mais concretas, podendo ser classificado em duas vertentes: a militar e a econômica (MARTINELLI, 2016, p. 68).

A vertente militar do *Hard Power* se restringe, unicamente, ao Estado, uma vez que este detém o monopólio legítimo do uso da força e da violência⁹. No mais, apesar do nome soar agressivo, o *Hard Power* militar não necessariamente quer dizer o conflito armado direto, podendo ações como a coerção, dissuasão e indução também serem formas desse poder. Apesar disso, é comum encontrar estudos e notícias que estimem seu “nível” de um Estado em relação a outro dentro do cenário internacional devido apenas à quantidade e qualidade do seu poderio bélico.

Já sua vertente econômica é menos utilizada nos estudos do campo das Relações Internacionais. Ela gira em torno da capacidade econômica de um ator internacional e da sua aptidão quando se trata de articulação nessa área. Em Nye, as dificuldades enfrentadas pela economia dos Estados Unidos podem ser contornadas com uma política adequada para continuar a produção de *Hard Power* para o país (NYE, 2002, p. 131).

⁹ Para Weber, o símbolo da soberania e a própria razão para a existência de um Estado (PESTANA, 2016, p. 1182).

Segundo Martinelli (2016, p. 69), o *Hard Power*, no âmbito da economia, exige um nível de articulação que vai além do calibre econômico em si, de que é exemplo o Produto Interno Bruto (PIB), e pode-se fazer uso de instrumentos como embargos, sanções, parcerias, investimentos e suspensão de subsídios, a fim de conquistar o que se almeja.

Em contrapartida, surge o protagonista do tópico em questão: o *Soft Power*, ou poder brando (traduzido livremente). Esse tipo de poder se opõe ao significado do seu antecessor, pois, além de não ser uma ferramenta de poder restrita apenas aos Estados, englobando novos atores internacionais, também não possui um teor agressivo, e sim, sedutor, administrando desejos e expectativas. Por possuir uma característica transnacional, indireta e não imediata, qualquer tipo de *player* da esfera internacional, seja estatal ou não, está apto a exercê-lo.

O *Soft Power*, enquanto forma de influência, poderá ser obstacularizado por uma política tradicional focada na hegemonia, soberania e unilateralismo. Constitui-se, portanto, em uma habilidade de coordenar a agenda política de modo a considerar os interesses dos demais atores envolvidos. Com mesmo intuito, análises como a Gramsciana já continham a percepção de que o poder emerge também da capacidade de determinar o *framework* de um debate e de indução de comportamentos (NYE, 2002, p. 09).

Assim sendo, embora contrapostos, *Hard Power* e *Soft Power* podem atuar de forma complementar, pois o “o poder no século 21 deriva de uma combinação de recursos de *hard* e *soft power*” e o caso estadunidense é paradigmático em “todas as três dimensões – poder militar, econômico e poder brando” (NYE, 2002, p.12). Nye assevera ainda que o desenvolvimento de um entendimento mais aprofundado das funções do *Soft Power* e seu equilíbrio com o *Hard Power* na política externa é o que denomina de *Smart Power*¹⁰ (NYE, 2004).

Devido ao seu atributo extremamente amplo e interdisciplinar, Joseph Nye, em 2004, elaborou uma obra inteira dedicada ao estudo desse fenômeno, intitulada “*Soft Power: The Means to Success in World Politics*”. Nela, assim como nas suas obras antecessoras que já trabalharam o tema, aborda-se a questão do *Soft Power* como um meio que deve ser utilizado para atrair e persuadir outro ator internacional a querer ser uma versão de quem exerce esse poder.

Antes da formulação da terminologia “*Soft Power*”, segundo Nye (2004, p.5), essa forma indireta de se conseguir o que se almeja antes era denominada de “a segunda face do poder”. Isso porque, por não possuir um caráter agressivo, não era considerado como um poder em si, mas sim como uma característica ou ferramenta utilizada pelos Estados ou outros atores para fortalecer o poder de fato.

¹⁰ O conceito de *Smart Power* - segundo Joseph Nye em “*Power and foreign policy*”- foi forjado em 2003 para combater a retórica segundo a qual o *Soft Power* sozinho poderia produzir uma política externa eficaz. Descrito pelo autor como a capacidade de combinar recursos de *hard* e *soft power*, as estratégias de *Smart Power* podem ser utilizadas por agentes estatais para além dos Estados Unidos da América, bem como atores não estatais (NYE, 2011, p.20).

Dessa forma, esse poder brando se manifesta por meio de uma formulação de conceitos ideais e culturais, que são impostos indiretamente no cenário internacional de diversos meios, como uma espécie de “norma global”. Isto é, os conceitos que são vistos como positivos perante a sociedade internacional fazem parte do que é entendido como *Soft Power*, como: política externa, sistemas seguros, instituições fortes, desenvolvimento, sustentabilidade, prosperidade, igualdade, liberalismo, autonomia, pluralismo, liberdade, paz e democracia (MARTINELLI, 2016, p. 70).

Apesar do que se pode imaginar em um primeiro momento, em razão do poderio bélico e econômico norte-americano, em termos de *Hard Power*, a aquisição constante de *Soft Power* no cenário internacional é de extrema importância para os EUA, pois auxilia na manutenção do seu *status quo* no cenário internacional. Repise-se que, um Estado que deseja conquistar a posição de hegemonia¹¹ e mantê-la deve ser detentor de ambos os poderes estudados nesse tópico.

Com teor crítico, Ying Fan (2008) examina os conceitos de *Soft Power* e *nation branding*¹² para perquirir se esses se configuram enquanto poder de atração ou fonte de confusão por seu caráter etnocêntrico. Defende Fan (2008, p. 153) que, muito embora os conceitos de *Soft* e *Hard Power* sejam essencialmente distintos, na prática, são indissociáveis, na medida em que caracteres de geopolítica e interesses estratégicos possuem maior envergadura que o poder brando.

Feita a análise desses conceitos, é possível aferir que os atores do cenário internacional se relacionam de forma interdependente, bem como que essas relações são regidas pela aplicação de poderes agressivos e/ou sedutores. Outrossim, para o devido uso do *Soft Power* por um Estado, faz-se necessária a utilização de ferramentas que propaguem os seus ideais culturais, sociais e ideológicos, destinando-se o próximo tópico à análise do Twitter como uma dessas plataformas, a partir do seu aproveitamento como mecanismo para fazer política.

3. REDES SOCIAIS: TWITTOCRACIA

Tendo como base a terceira etapa da análise do realce dos processos democráticos por meio do uso da tecnologia, proposto por Vedel (2009), esse tópico abordará o conceito “Twittocracia”, apresentado pelos autores Almeida, Abelin, Baccarin e Ferreira (2020) para explicar a aplicabilidade e importância das mídias sociais (com foco no *Twitter*) como ferramentas políticas no âmbito internacional.

Desde o começo da década de 1990, com a aparição do fenômeno da Internet, vários segmentos da sociedade, como a política, passaram a ser repensados e moldados nessa nova lente.

¹¹ “Supremacia de um povo sobre outros por meio da imposição da sua cultura, ou por meios militares” (MENEZES, 2020, p. 813).

¹² Para Ying Fan, em tradução livre, o conceito de *nation branding* implica “uma nova área de interesse no marketing que lida com o esforço de uma nação para se comunicar com pessoas de outros países”(FAN, 2008, p. 147)

Assim, Vedel (2009, p. 228) afirma que, com a emergência desse fator nas sociedades de todo o globo, surgiu um novo conceito político: a Cyber-democracia. Esse novo contexto fez com que a política tivesse de mudar e se adaptar aos novos ares. Na Internet, as pessoas podem se conectar mais facilmente umas com as outras, transpondo barreiras fronteiriças, bem como podem se informar prontamente das notícias atuais e formar grupos e organizações políticas, tornando a participação da população mais direta e as democracias mais representativas.

A inclusão de diversos segmentos das sociedades por meio da democratização do acesso à Internet provocou a ampliação quantitativa dos adeptos às redes, o que significou também o acréscimo de sua relevância social. O crescimento também qualitativo do acesso à informação têm viabilizado fenômenos como o *crowdsourcing* constitucional¹³, com a utilização de redes sociais para a elaboração de Constituições.

Essas plataformas digitais começaram a ser elaboradas na metade da década de 1990, e em 1997 surgiu a primeira rede social reconhecível, chamada SixDegrees.com. Nesse website, era permitido que os usuários pudessem criar seus perfis, listas de amigos e navegar pelo perfil de todos os contatos adicionados, agregando funcionalidades que, segundo Afonso (2009, p. 31), permitiam a conexão e o envio de mensagens e ligações para outras pessoas conectadas, atraindo milhões de usuários. Porém, apesar da enorme popularidade do SixDegrees, já no ano 2000 seus serviços foram encerrados, em razão de não ter se tornado um negócio sustentável.

Desde a criação dessa primeira rede social efetiva, em 1997, várias outras, que possuíam características plurais, passaram a emergir, mas a maioria compartilhava um objetivo em comum, que mais tarde passou a ser um instrumento político de grande porte: a interação entre usuários. Dentre as diversas redes sociais que surgiram no período durante e pós-SixDegrees, pode-se citar várias das mais conhecidas atualmente como o MySpace, o Orkut, o Facebook, o Instagram, assim como o foco principal do tópico em questão: o Twitter.

Criado em 2006 por Jack Dorsey, Evan Williams e Biz Stone nos EUA, a rede social Twitter possuía, como meta inicial, oferecer aos usuários um espaço para compartilhamento de conteúdos escritos, vídeos e fotografias, promovendo o diálogo entre eles. Detinha ainda uma ferramenta que se destaca das outras redes sociais: os *Trending Topics*, que disponibilizam de forma imediata os assuntos mais comentados ao redor do globo para os seus usuários (SMAAL, 2010).

Feita essa breve digressão, o termo *Twittocracia* remonta ao fenômeno político no qual a Internet passa a ser *locus* de publicização de posicionamentos dos atores políticos, os quais se utilizam das redes sociais com o intuito de conexão com o eleitorado, difusão de planos de governo e interação entre seus pares.

Esse modelo comunicacional “tem transformado o Twitter em canal para pronunciamentos oficiais tanto em relação ao plano da política interna quanto ao da política externa” (ALMEIDA;

¹³ Também denominada “construção coletiva constitucional” refere-se a um *modus operandi* de redação de texto constitucional com participação da sociedade de forma online (BERNAL, 2018, p. 187-188).

GOMES, 2021, p. 76). Helga do Nascimento de Almeida e Larissa Peixoto Vale Gomes (2021, p. 88-89), a partir de análise do discurso dos vinte e oito líderes partidários da Câmara dos Deputados brasileira, demonstram que os movimentos políticos offline e os comportamentos online compõem um *eixo continuum*, sendo possível inferir comportamentos políticos offline a partir dos comportamentos online.

Nesse ínterim, segundo Almeida, Abelin, Baccarin e Ferreira (2020, p. 2), o Twitter cresceu rapidamente em termos de popularidade. Logo, tendo em vista o papel primordial da Internet na atual democracia cibernética, não demorou muito para que os políticos passassem a utilizar essa plataforma digital como canal oficial, para opinar sobre inúmeros temas, bem como divulgar agendas e ações dos seus governos.

A popularidade e adesão à rede social, bem como a informalidade inerente ao formato do website *twitter.com*, com permissão de postagens de até 280 caracteres por *tweet*¹⁴, cristalizaram a rede como um meio rápido e fácil de emissão de opinião, o que tem sido utilizado por políticos como instrumento de marketing de suas propostas, bem como de aproximação com o eleitorado - sobretudo com os eleitores mais jovens.

Neste prisma, com as transformações tanto do Twitter como de outras redes sociais em canais oficiais de governos locais e nacionais, há uma oficialização de um sistema político virtual que, além de auxiliar os governantes para divulgação de suas agendas e pontos de vista, possibilita uma nova forma da população civil participar diretamente da formulação e fiscalização de políticas públicas (ALMEIDA, ABELIN, BACCARIN e FERREIRA, 2020, p. 3).

Por conseguinte, surge um novo conceito a respeito dessa troca entre governantes e governados por meio do Twitter: a Twittocracia. Segundo Almeida, Abelin, Baccarin e Ferreira (2020, p. 3), o conceito diz respeito a um modelo de comunicação entre representantes e representados em que o principal meio de comunicação é o Twitter. A utilização do termo não é leviana: o potencial da rede social para mobilizar cidadãos e eleitores, a cobertura midiática dos *Trending Topics*, a facilidade da adesão ao site e de acesso aos *tweets* mesmo sem *log in*¹⁵ do usuário e a agilidade do acesso à informação permitem a participação popular nos comunicados governamentais, consubstanciando-se, inclusive, como termômetro de medidas de governo publicadas na rede social.

Essa nova forma de utilização das Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) e do Twitter de forma mais específica, ao facilitar a globalização de ideias, passa a influenciar nas relações interestatais. É refletida em sua retórica a imagem da nação, o que pode afetar positivamente ou negativamente o seu *Soft Power* perante o Sistema Internacional, conforme veremos com relação à experiência norte-americana durante o governo de Donald Trump.

¹⁴ Mensagem postada na rede social Twitter pelos usuários da página. Pode conter texto, imagem, vídeo e animações de imagem, com o limite de 280 caracteres.

¹⁵ No mundo digital, o termo em inglês *log in* designa o processo mediante o qual o usuário tem acesso a um conteúdo restrito, por meio do oferecimento de credenciais anteriormente cadastradas.

4. TRUMP, TWITTER E *SOFT POWER*: AS TIPOLOGIAS DO PODER BRANDO EM JOSEPH NYE

Segundo o site oficial do *British Council* (2016), as redes sociais estão mudando as dinâmicas de *Soft Power* ao redor do mundo. Especificando o Twitter, no artigo intitulado “The soft power of Twitter”, o *British Council* afirma que há uma crescente apreciação por líderes de Estado da rede social, devido ao seu grande poder de influência intra e interestatal. Esse interesse dos políticos sobre essa mídia surgiu pois, além de permitir formas de comunicação em massa mais rápidas e baratas, possui o acúmulo de grandes recursos pessoais, também denominado “*big data*”¹⁶.

Utilizando-se do acesso a *big data* do Twitter, os Estados podem ter aproximação com as preferências de outras nações e dos seus cidadãos, podendo, inclusive, moldar as formas como os Estados se comportam e persuadem uns aos outros, transformando as relações internacionais em um ambiente de comunicação global onde as percepções e influências são vitais (BRITISH COUNCIL, 2016).

Neste sentido, o futuro do *Soft Power* apresenta-se como a captura e análise dessa *big data* das mídias digitais e da elaboração de respostas coerentes e sedutoras para o que esses dados revelam (BRITISH COUNCIL, 2016). Porém, sabendo que a expertise da aplicabilidade do *Soft Power* por um Estado corresponde a forma como este “vende” seus modelos sociais, culturais e ideológicos para os demais atores no sistema internacional, a depender das posições do líder do Executivo do respectivo Estado, em vez de atrair os demais atores, o resultado pode ser o inverso. O polêmico governo de Donald Trump foi prova disso.

Afirmando ser o melhor escritor de 140 caracteres¹⁷ do mundo, ainda em 2012, Trump já entendia o peso do Twitter para seus propósitos de governo e não hesitou em usar essa ferramenta (ALMEIDA, ABELIN, BACCARIN e FERREIRA, 2020, p. 3). Anunciando o porvir, sua campanha para presidência dos EUA ficou marcada por características populistas, propagadas pelas redes sociais e pelo envolvimento em diversas polêmicas, de que são exemplos declarações antissistêmicas, antidiplomáticas e a disseminação de *fake news*. Com esse *modus operandi*, acabou conquistando 276 votos no colégio eleitoral norte-americano, que levaram à sua vitória em 2016 (G1, 2016).

Por conseguinte, devido à forma “pouco convencional” de Trump de se comportar durante a campanha para a presidência, no primeiro mês da sua posse, Joseph Nye demonstrou receio com a postura do presidente nas redes sociais. Em uma entrevista para a *Deutsche Welle* (DW), o cientista político afirmou que os tweets do líder do executivo poderiam prejudicar a forma como os outros Estados percebem os EUA, não criando atração ou admiração por eles e, com isso, diminuindo o *Soft Power* estadunidense (KNIGGE, 2017).

¹⁶ Tecnologias que fornecem as informações dos usuários da rede, para o receptor.

¹⁷ Desde novembro de 2017 o Twitter permite mensagens com até 280 caracteres (ALMEIDA, ABELIN, BACCARIN e FERREIRA, 2020, p. 4).

Nye argumenta que existem três fontes de poder brando que podem ser desenvolvidas por um país: sua cultura, seus valores políticos e sua política externa. É objetivo do presente trabalho, a partir dessas fontes, categorizar e pensar a política do Donald Trump a partir de suas publicações no Twitter.

Assim, para que seja aplicado devidamente, o *Soft Power* toma forma através de tipologias, que, segundo Nye (2004), se desenvolvem a partir de três fontes de poder, utilizadas para persuadir: a cultura, os valores políticos e a política externa. A primeira se aplica em lugares onde ela é atrativa para outros e é constituída pelos valores e práticas que dão um sentido para a vida em sociedade. Ela possui diversas formas de manifestações, sendo categorizada pelo autor em “cultura alta” e “cultura popular”, ou seja, a cultura voltada para a elite (literatura, educação e arte) e a cultura voltada para o entretenimento das massas (NYE, 2004, p. 11).

No mais, por possuir um caráter voltado para a sensação de pertencimento, a cultura propagada por um país que almeja os resultados de persuasão por *Soft Power* deve priorizar as características majoritárias da universalidade. Ou seja, valores mais conservadores territorialistas e culturas voltadas para o paroquialismo são menos propensos a conseguir produzir *Soft Power* (NYE, 2004, p. 11).

No que tange as outras duas fontes de poder brando, Nye (2004) afirma que os valores políticos universais – tais como a democracia e os direitos humanos – podem ser fontes de atração poderosas. Porém, utilizando os EUA como exemplo, o autor vai afirmar que o que alguns Estados observam como aspectos estatais positivos, por possuírem um caráter de universalidade, outros julgam como negativos.

Além dos valores já citados, Nye (2004) ainda menciona como exemplo o feminismo, a liberdade de escolhas e de sexualidade e ressalta, ainda utilizando os EUA como exemplo, sobre o que também pode ser visto como características repulsivas de valores, enfraquecedoras do *Soft Power*, como baixa expectativa de vida, rejeição de imigrantes, desemprego, gravidez adolescente, acesso a planos de saúde, entre outros (NYE, 2004, p. 55-57), temáticas frequentemente albergadas nos tweets do ex-presidente Donald Trump.

Já no que diz respeito à última fonte, Nye (2004) afirma que esse poder de atração depende bastante desses valores expressados por meio da política externa. Apesar dos países possuírem interesse nesse aspecto, o autor ressalta sobre a importância das definições e escolhas dos interesses nacionais, bem como dos meios para conquistá-los, uma vez que o *Soft Power* é sobre cooperação com outros atores internacionais sem a utilização de ameaças ou pagamentos (NYE, 2004, P. 60).

Joseph Nye (2004) reitera sobre como os Estados interessados na utilização do *Soft Power* devem agir no quesito da política externa: os Estados que possuem políticas externas que têm como base definições abrangentes do interesse nacional possuem uma maior facilidade de se tornarem atraentes para outros atores internacionais, no lugar daqueles que adotam perspectivas mais “estreitas” (NYE, 2004, p. 61).

Ato contínuo, um dos aspectos da sedução proposta pelo *Soft Power* é ser inclusivo para qualquer ator, para evitar afetar conceitos aceitos globalmente, como a democracia. Apenas o fato de o Estado ser detentor de liberdade e prosperidade já faz com que, no cenário internacional, ele seja detentor desse poder, pois, se bem demonstradas e exercidas, tornam-se metas de valores que outros Estados podem almejar alcançar de forma arbitrária. Os Estados Unidos, por exemplo, na condição de atual *hegemon* mundial, conseguem globalizar os seus ideais neoliberais por todo o globo por meio de vários mecanismos, como a mídia e a tecnologia, propagando o seu estilo de vida capitalista como o “modelo de vida a ser seguido” (*American Way of Life*¹⁸) e acabam por ditar “regras” sociais e culturais, que são adotadas ou almeçadas por outros Estados e atores globais, sem se fazer necessária a utilização de um poder agressivo (MENEZES, 2020, p. 809).

O *Soft Power* não se vincula apenas a atores estatais, tendo como importante componente a indústria cultural estadunidense (MARTINELLI, 2016, p. 77). Enquanto líder popular e carismático, a condução política das redes sociais de Trump gozaram de forte apelo midiático, enfatizando o nacionalismo e a postura ufanista. Porém, como ressaltam Kim e O. Knuckey (2021, p. 13), os valores políticos do então presidente dos EUA extrapolaram a figura individual de Trump e impactaram negativamente a percepção da imagem norte-americana e dos cidadãos americanos. Ações xenófobas e sua retórica marcadamente autoritária incentivaram movimentos ao redor do mundo, de que são exemplos o *Black Lives Matter* e *Me too*.

Para demonstrar tal assertiva, Kim e O. Knuckey (2021, p. 03) sistematizam dados colhidos pelo *survey* Global Attitudes (2017) que inclui dados de 37 países e permitem uma análise da percepção da personalidade de Trump enquanto líder global e como esses influxos ressoam no *Soft Power* dos EUA. A análise empregou três variáveis dependentes – confiança em Trump, favorabilidade aos Estados Unidos e favorabilidade aos americanos – e concluiu que as atitudes e retóricas do ex-presidente minaram o poder brando norte-americano, tendo as percepções individuais de ameaça americana possuído impacto negativo nas três variáveis dependentes.

Dentre países analisados, 19 possuíram média menor que um (pouco confiantes) para Trump, sendo o México o país que demonstrou menor nível de confiança dentre os pesquisados. De acordo com o *survey*, apenas nove países demonstraram um maior grau de confiança em Trump em detrimento do chinês Xi Jinping: Itália, Polônia Hungria, EUA, Japão, Israel, Filipinas, Índia e Vietnã (KIM; KNUCKEY, 2021, p. 07)

No que tange à política externa, enquanto uma das tipologias de Nye, ao lado das fontes de poder “cultura” e “valores políticos”, as posturas de Trump em questões sensíveis como temas ambientais, migratórios, relações comerciais e religião reforçam o antiamericanismo. A retirada estadunidense do Acordo de Paris, as ofensivas direcionadas a grupos populacionais latinos e

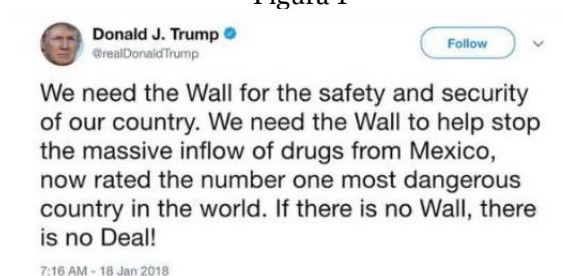
¹⁸ “Movimento consolidado de forma definitiva nos anos 1930, o efeito da difusão em massa dos meios de comunicação foi fundamental para que a música e a indústria do cinema hollywoodiana pudessem atingir as mais variadas partes do mundo” (MARTINELLI, 2016, p. 70).

muçulmanos, a culpabilização de imigrantes pelo desemprego, a gestão desastrosa da Covid-19 e os impasses com a China denotam que, no que tange à política externa enquanto fonte de *Soft Power*, o governo Trump demonstrou uma ausência de coordenação que enfraqueceu a confiança da sociedade global e maculou o *Soft Power* estadunidense (KIM; KNUCKEY, 2021, p. 13).

Segundo Almeida, Abelin, Baccarin e Ferreira (2020, p. 11), os *tweets* de Trump possuem conteúdos associados ao apelo antissistêmico e as ideias de antagonismos internos e externos. Desse modo, esses temas reforçam a construção da lógica de inimigos que precisam ser identificados e combatidos, sendo essa uma das características do populismo que o levou a vitória. Um exemplo que merece destaque a respeito dos discursos engendrados para a construção de uma postura ufanista e nacionalista foi o constante ataque ao México, tanto durante a sua campanha presidencial como enquanto presidente. Durante a sua campanha, em 2016, uma das principais promessas eleitorais de Trump era a construção de um muro ao longo da fronteira com o México, delegando os custos para o país vizinho (STEINWEHR, 2020).

A promessa não foi apenas uma medida populista de cooptar adesão para sua campanha presidencial. Quando eleito, Trump realmente tentou oficializar a ideia, o que já demonstrava que sua retórica, no Twitter e fora dele, possuía forte ancoragem prática. A respeito do México, o ex-presidente norte-americano manifestava-se, ocasionalmente, com publicações de forte teor antagonista:

Figura 1



Fonte: Barragán (2021).

Esse tipo de postura gerou descontentamento por parte do ex-presidente mexicano Enrique Peña Nieto (2012-2018). Segundo Goussinsky (2018), Peña Nieto já teria até apelado à Organização das Nações Unidas (ONU) a respeito dessas declarações, afirmando que os pronunciamentos de Trump nas redes sociais deixavam os imigrantes mexicanos desprotegidos no território norte-americano pois fomentavam posturas discriminatórias.

Além da postura anti-migratória – na qual o antagonismo ao México é ponto alto, mas que se direcionou ainda a países latino-americanos, de maioria mulçumana e nações africanas – destaca-se a retórica do governo Trump durante a pandemia do novo coronavírus, denominado SARS-CoV-2 (BRASIL, 2021) enquanto ponto nevrálgico ao entendimento das tipologias do *Soft Power* norte-

¹⁹ Tradução livre: “Nós precisamos do muro para a segurança e proteção do nosso país. Nós precisamos do muro para ajuda parar o influxo maciço de drogas do México, agora classificado como o país mais perigoso do mundo. Se não houver o muro, não há acordo!”.

americano pelo uso das redes sociais pelo ex-presidente dos EUA (2017-2021) quanto aos aspectos de política externa e valores políticos.

Em suas redes sociais, e em nosso recorte de pesquisa, sobretudo por meio do Twitter, Trump reproduziu discursos negacionistas²⁰ a respeito do vírus da Covid-19 e das suas medidas protetivas, além de fazer ataques direcionados à China. Retratando-se ao vírus como “vírus chinês”, Trump continuou a utilizar o Twitter para publicações populistas, com a mesma estratégia citada anteriormente de identificar o inimigo:

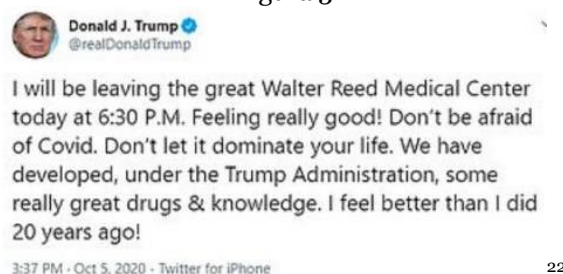
Figura 2



Fonte: Barragán (2021)

Ainda, o presidente ganhou notoriedade quando publicou em seu Twitter, para os seus milhões de seguidores, que eles não deveriam temer a Covid-19, mesmo com mais de 200 mil estadunidenses tendo sido vítimas fatais do vírus na época da publicação (G1, 2020):

Figura 3



Fonte: Barragán (2021)

Ambos os exemplos a respeito dos posicionamentos do ex-presidente sobre a pandemia do novo coronavírus tiveram uma péssima repercussão no cenário internacional. Em setembro de 2020, o Ministério das Relações Exteriores da China divulgou um comunicado que repudia os ataques direcionados à China nos discursos de Trump em relação à pandemia da Covid-19 (VEJA, 2020).

²⁰ Negar uma realidade cientificamente comprovada.

²¹ Tradução livre: “Eu sempre tratei o vírus chinês muito seriamente, e tenho feito um ótimo trabalho desde o começo, incluindo minha decisão prematura de fechar as fronteiras da China – contrariando os desejos de quase toda a maioria. Muitas vidas foram salvas. A nova narrativa das *fake news* é falsa e vergonhosa!”.

²² Tradução livre: “Eu estarei saindo do grande hospital Walter Reed hoje as 18:30. Me sentindo muito bem! Não tenha medo do Covid. Não deixe que ele domine a sua vida. Nós temos desenvolvido, sob a administração do governo Trump, alguns remédios muito bons e conhecimento. Eu me sinto melhor do que eu estava 20 anos atrás!”.

Com igual preocupação, a diretora de Saúde Pública e Meio Ambiente da Organização Mundial da Saúde (OMS) se pronunciou, em outubro de 2020, a respeito dos posicionamentos com viés negacionistas do ex-presidente estadunidense, afirmando esperar discursos com mais empatia às vítimas dessa doença, principalmente após Donald Trump ter contraído o vírus (JOVEM PAN, 2020).

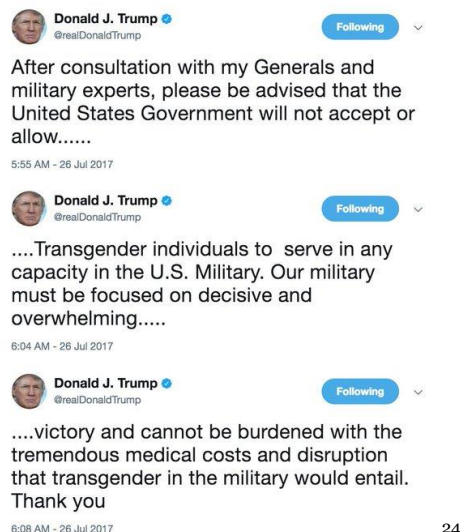
Para além dos casos de xenofobia apresentados até agora, outros tweets de Trump se destacam por se oporem a fundamentos progressistas universais. Dentre eles podemos citar os que atacam o Acordo de Paris, no período em que os EUA rejeitaram, voluntariamente, a adesão do país aos termos do acordo, bem como os tweets que negam direitos básicos a pessoas transexuais:

Figura 4



Fonte: Earle (2019)

Figura 5



Fonte: Twitter (2019)

²³ Tradução livre: “7. O malffeito Acordo Climático de Paris protege os poluidores, fere os americanos e custa uma fortuna. NÃO NO MEU TURNO!”.

²⁴ Tradução livre: “Após consultar com os meus generais e experts militares, por favor sejam avisados que o Governo dos Estados Unidos não aceitará ou permitirá indivíduos transexuais para servir em qualquer capacidade militar nos EUA. Nosso exército deve estar focado em vitórias decisivas e esmagadoras e não podem ser distraídas com gastos tremendos em medicamentos e perturbações que a presença de transexuais no exército poderiam implicar. Obrigado!”.

A figura 4 diz respeito a dois de oito “fatos” que o ex-governante atribuiu como réplica a notícias do jornal CNN, afirmando que esse, por sua vez, estava propagando notícias falsas sobre o seu governo, no que tange o aspecto das mudanças climáticas. Dentre esses oito fatos, Trump ataca o Acordo de Paris, acatado internacionalmente devido aos seus termos que buscam conferir uma efetividade de redução dos gases provocadores do efeito estufa (*greenhouse gases*) e, logo, a efetivação direta de um combate ao aquecimento global. Para o político, a remoção dos EUA dos compromissos propostos pelo Acordo, seria positivo ao país, uma vez que esse era falho e protegia mais os Estados poluidores, prejudicando os estadunidenses, ao passo em que custa uma fortuna para se manter.

Já a figura 5 diz respeito a negação dos direitos de pessoas transexuais de atuarem nas tropas militares dos EUA. Alegando que para a manutenção dessa parcela da população na instituição exército do país em questão seria necessário um gasto tremendo com medicamentos para adequação de gênero desses indivíduos, o até então presidente deixa claro que o governo dos EUA não estaria aceitando essas pessoas como servidores do exército. Isso porque, para o empresário, o dinheiro que estava sendo investido nos aspectos supracitados poderia estar sendo voltado para tópicos que busquem vitórias em eventuais conflitos, ou seja, um investimento mais pesado no *Hard Power*.

Dessa forma, esses ataques diretos a pressupostos tomados como universais e adotados pelos países progressistas ao redor do globo, foram rechaçados por organizações internacionais e contribuíram para a formação da personalidade extremista e radical, que abalou, segundo Nye (2021), o *Soft Power* estadunidense, internacionalmente. Como, por exemplo, o pronunciamento do comissário europeu do clima da União Europeia da época, Miguel Arias Cañete, que afirmou que a decisão de Donald Trump foi unilateral, lamentável. Cañet garantiu que os termos do Acordo persistiriam e que eram inegociáveis, reforçando as características negacionistas do governo Trump quando ressaltou que os EUA eram um parceiro fundamental a comunidade internacional, porém tinha optado por “virar as costas” para a luta contra as mudanças climáticas (UOL, 2017).

Já no tocante ao ataque direto às pessoas transexuais, a repercussão no âmbito virtual foi tão avassaladora que a corporação *Human Rights Campaign*, maior grupo de defesa e lobby dos direitos de pessoas LGBTI+²⁵ nos EUA, se pronunciou, afirmando que a atitude do ex-presidente de impedir pessoas de demonstrarem o seu amor pelo país e as suas habilidades de servir a pátria apenas por serem transexuais era desprezível e desumana (TWITTER, 2019). Dessa forma, um movimento pelo Twitter, em oposição ao posicionamento presidencial, surgiu a partir da *hashtag*

²⁵ “Segundo o site britânico The Gay UK (2018), atualmente a sigla desse movimento é composta por 12 letras e 1 número ‘LGBTQQICAPF2K+’, representando respectivamente: lésbicas; gays; bissexuais; travestis; transexuais; transgêneros; queers; questionando; intersexuais; curiosos; assexuados; agêneros; aliados; pansexuais; polissexuais; família e amigos; dois espíritos; ‘kinks’ e o ‘+’ que indica a disposição de adição de novas formas de sexualidade ou de gênero. A pesquisa retrata o acrônimo como ‘LGBTI+’ segundo as normas da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Intersexos (ABLGBT)” (MENEZES, 2020, p. 208).

#ProtectTransTroops (*#ProtejaTropasTrans*), que entrou nos *trending topics* universais e foi aderido por demasiados parlamentares nacionais e internacionais.

No mais, esses foram apenas alguns dos vários *tweets* problemáticos do ex-presidente estadunidense que geraram desconforto no Sistema Internacional. Portanto, pode-se perceber que as previsões de Joseph Nye para o DW (2017) estavam corretas a respeito de como a imagem americana poderia se comprometer negativamente com as publicações polêmicas de Trump.

Ainda, após perder as eleições de 2020 para Joe Biden, Donald Trump continuou usando o Twitter para propagar discursos populistas que foram considerados incitações à violência e que, por fim, em janeiro de 2021, levaram a plataforma oficial do Twitter a anunciar o banimento permanente da conta do ex-presidente na rede social (UOL, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse artigo possui o intuito de trabalhar a temática da aplicabilidade do conceito de *Soft Power* a partir das ideias de Cyber-democracia e Twittocracia. Para tanto, alerta para a necessidade de focar nos novos meios de fazer política e relações internacionais, advertindo a respeito do reflexo da imagem de uma nação no Sistema Internacional por meio da conta oficial do Twitter do seu chefe de Estado.

Objetivou relacionar os *tweets* do ex-presidente estadunidense Donald Trump (2017-2021) com a previsão do analista internacional Joseph Nye à revista *Deutsche Welle* (2017), para demonstrar de que forma a administração de uma conta em uma rede social popular mundialmente, como o Twitter, pelo líder do Poder Executivo dos Estados Unidos durante um mandato caracterizou-se a partir das definições de *Soft Power* minudenciadas na obra de Nye.

Dessa forma, as publicações provocativas do ex-presidente Trump no Twitter, ao longo do seu período enquanto chefe de Estado do *hegemon* mundial, se insere nas tipologias de Nye por influir na cultura das massas – mister em razão do impacto nas contas de *Twitter* atingidas e influenciadas pelo ex-presidente dos EUA – bem como macular valores políticos e expor novos contornos da política externa estadunidense que, no entanto, passou a gozar de menor legitimidade e autoridade moral perante outros Estados.

Como visto, em questões sensíveis como temas ambientais, migratórios, relações comerciais e religião, a retórica e as práticas implementadas por Donald Trump, em conformidade com os autores Kim e Knuckey (2021), teve o condão de dirimir o *Soft Power* estadunidense e reforçar o antiamericanismo a partir da sistematização do *survey* Global Attitudes (2017).

A fim de possuir um forte poder brando, o Estado precisa compactuar com os conceitos que são vistos positivamente perante a sociedade internacional e não o contrário. Apelar para discursos populistas nas redes sociais – visando propósitos eleitorais – pode funcionar no âmbito nacional,

mas não tem boa repercussão internacional. Essa atitude via Twitter, principalmente quando ocorre de forma corriqueira, teve o condão de causar, na experiência trumpista, crises diplomáticas, tensões internacionais e afastar possíveis e atuais parceiros em detrimento de atraí-los.

Por fim, apesar da administração polêmica do ex-presidente Trump, responsável pela diminuição da atratividade dos EUA perante os outros Estados, principalmente devido à sua gestão diante da resposta à Covid-19, Joseph Nye (2021) garante que o *Soft Power* estadunidense sobreviveu e vai voltar a ascender. Isso porque se acredita que, contrastando com a gestão de mídia de Trump, Biden possui uma “voz calma” nas redes sociais que, se contar com aspectos pragmáticos como a contenção da pandemia, reaquecimento da economia e fornecimento de um centro político que alivie a questão da polarização, permitirá ao Sistema Internacional testemunhar o fim de um período político perigoso para os EUA.

*Artigo recebido em 20 de junho de 2022,
aprovado em 28 de fevereiro de 2023.

REFERÊNCIAS

AFONSO, Alexandre. **Uma análise da utilização das redes sociais em ambientes corporativos**. Dissertação (Mestrado). Curso de Tecnologias da Inteligência e Design Digital. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC – SP), São Paulo, SP, 2009.

ALMEIDA, Helga; ABELIN, Pedro; BACCARIN, Matheus; FERREIRA, Maria Alice Silveira. 2020. Twittocracia e o populismo de direita: Uma análise comparativa entre o caso norte-americano e o brasileiro. In: BIROLI, Flavia; GUARNIERI, Fernando; TATAGIBA, Luciana. **Democracia & Desenvolvimento**. 12^o Encontro ABCP, 2020.

ALMEIDA, Helga do Nascimento; GOMES, Larissa Peixoto Vale. Embates e silêncios: Lideranças Partidárias do Legislativo no Twitter. **Aurora.**, v. 14, n. 40, p. 68-90, 2021.

BARRAGÁN, Almudena. **13 tuits polémicos de Trump como presidente ahora que no tiene Twitter**. 2021. Disponível em: <https://verne.elpais.com/verne/2021/01/09/mexico/1610159462_800567.html> Acesso em: 17 mai. 2022.

BRASIL. **O que é a Covid-19?** 2021. Disponível em: <<https://www.gov.br/saude/pt-br/coronavirus/o-que-e-o-coronavirus>> Acesso em: 20 jun. 2022.

BRITISH COUNCIL. **The soft power of Twitter**. 2016. Disponível em: <<https://www.britishcouncil.org/research-policy-insight/insight-articles/soft-power-twitter>> Acesso em: 19 jun. 2022.

EARLE, Geoff. **Donald Trump tweets '8 FACTS' about climate change as 2020 Democrats hold CNN town hall on it - hours after holding up a FAKE hurricane map in the Oval Office.** Daily Mail, 2019. Disponível em: <https://www.dailymail.co.uk/news/article-7428897/Donald-Trump-tweets-8-FACTS-climate-change-holding-FAKE-hurricane-map.html>
Acesso em: 10 nov. 2022.

FAN, Ying. Soft power: Power of attraction or confusion?. **Place Branding and Public Diplomacy**, v. 4, n. 2, p. 147-158, 2008.

G1. **Casos de coronavírus nos EUA passam de 7 milhões, diz universidade.** 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/09/25/casos-de-coronavirus-nos-eua-passam-de-7-milhoes-diz-universidade.ghtml>> Acesso em: 18 mai. 2022.

G1. **Vitória de Trump contraria pesquisas e projeções nos EUA.** 2016. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/eleicoes-nos-eua/2016/noticia/2016/11/pesquisas_.html> Acesso em: 10 abr. 2022.

GOUSSINSKY, Eugenio. **Muro de Trump reacende antigos conflitos entre EUA e México.** 2018. Disponível em: <<https://noticias.r7.com/prisma/nosso-mundo/muro-de-trump-reacende-antigos-conflitos-entre-eua-e-mexico-05042018>> Acesso em: 27 jan. 2022.

HUMAN RIGHTS CAMPAIGN. **Two years ago Donald Trump & Mike Pence made the despicable attempt to ban trans service members from the military.** The policy upends the lives of countless trans service members who demonstrate their love country & ability to serve. We must continue to #ProtectTransTroops. 26, jul. 2019. Twitter: @HRC. Disponível em: <https://twitter.com/hrc/status/1154744885959901185> Acesso em: 10 nov. 2022.

JOVEM PAN. **OMS espera que Trump tenha mais empatia com vítimas da Covid-19 após testar positivo para doença.** 2020. Disponível em: <<https://jovempan.com.br/noticias/mundo/oms-trump-empatia-vitimas-covid-19-testar-positivo-doenca.html>> Acesso em: 29 mai. 2022.

KIM, Myunghee; KNUCKEY, Jonathan O. Trump and US soft power. **Policy Studies**, v. 42, n. 5-6, p. 682-698, 2021.

KNIGGE, Michael. **Tweets de Trump prejudicam “soft power” dos EUA, afirma analista.** 2017. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/tweets-de-trump-prejudicam-soft-power-dos-eua-afirma-analista/a-37148999>> Acesso em: 12 fev. 2022.

MARTINELLI, Caio. O Jogo Tridimensional: O Hard Power, o Soft Power e a Interdependência Complexa, segundo Joseph Nye. **Conjuntura Global**, vol. 5, nº 1, pp 65 - 80, 2016.

MENEZES, Lucas Lira. A “americanização” do movimento LGBTI+ e as transformações das narrativas morais da sociedade ocidental. In: OLIVEIRA, Alisson; NÓBREGA, Duília; LIMA, Maria. **Democracia, Instituições Políticas e Políticas Públicas.** 1ª edição. Campina Grande: Editora Quipá, 2020.

NYE, Joseph S. **American Soft Power Wil Survive Donald Trump**. 2021. Disponível em: <<https://nationalinterest.org/feature/american-soft-power-will-survive-donald-trump-176013>> Acesso em: 12 fev. 2022.

NYE, Joseph S. Power and foreign policy. **Journal of political power**, v. 4, n. 1, p. 9-24, 2011.

NYE, Joseph S; KEOHANE, Robert, **Power and Interdependence**, Estados Unidos, Longman, 2001.

NYE, Joseph S. **The Paradox of American Power: Why the World's Only Superpower Can't Go It Alone**. 1ª edição. New York: Oxford University Press, 2002.

NYE, Joseph S. **Soft Power: The Means to Success in World Politics**. 1ª edição. New York: Public Affairs, 2004.

NYE JR, Joseph S. **Cooperação e conflito nas relações internacionais**. Editora Gente Liv e Edit Ltd, 2009.

PESTANA, Filipa. O monopólio do uso legítimo da força e a privatização da segurança internacional: Um estudo de caso do papel da Blackwater no Iraque. **Revista Militar**, Brasil, nº 2579, pp 1181 – 1195, 2016.

SMAAL, Beatriz. **A história do Twitter**. Tecmundo. 2010. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/rede-social/3667-a-historia-do-twitter.htm>> Acesso em: 21 mai. 2022.

STEINWEHR, Uta. **O que aconteceu com as promessas eleitorais de Trump?** 2020. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/o-que-aconteceu-com-as-promessas-eleitorais-de-trump/a-55486514>> Acesso em: 28 mai. 2022.

UOL. **Invasão ao Congresso dos EUA tem 13 presos e 5 armas confiscadas**. 2021. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/internacional/ultimas-noticias/2021/01/06/eleicoes-eua-armas-presos-invasao-congresso.htm>> Acesso em: 29 mai. 2022.

UOL. **Mundo reage à decisão de Trump de deixar Acordo de Paris**. 2017. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/deutschewelle/2017/06/01/mundo-reage-a-decisao-de-trump-de-deixar-acordo-de-paris.htm> Acesso em: 10 nov. 2022.

UOL. **Twitter anuncia “suspensão permanente” de Donald Trump na rede social**. 2021. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2021/01/08/twitter-anuncia-suspensao-permanente-de-donald-trump-na-rede-social.htm>> Acesso em: 29 mai. 2022.

VEDEL, Thierry. The Idea of Electronic Democracy: Origins, Visions and Questions. **Parliamentary Affairs**, United Kingdom, vol. 59, nº 2, pp 226 – 235, 2006.

VEJA. **“Pare com a politização do vírus”, diz China em resposta a Trump.** 2020.
Disponível em: <<https://veja.abril.com.br/mundo/pare-com-a-politizacao-do-virus-diz-china-em-resposta-a-trump/>> Acesso em: 10 abr. 2022.